

"O pioneiro dos pioneiros" (*)

Escreve: Luiz Ismaelino Valente
Procurador de Justiça (PA)

"A história da juta na Amazônia é uma página brilhante da perseverança, da assiduidade e, sobretudo, do esforço dos agricultores nipônicos."

(Instruções para a Cultura da Juta – 1941)

Na primeira metade do século XX, a aclimação da juta indiana na Amazônia surgiu como um novo ciclo econômico na região, tão ou mais promissor quanto o ciclo da borracha. O japonês Ryota Oyama sempre foi tido como "o introdutor da juta na Amazônia". A saga da aclimação da juta em nossa região, contudo, é uma história de perseverança, para a qual *muitos* contribuíram, com merecido destaque, dentre estes, para o professor Kotaro Tuji, falecido em Belém há trinta anos, em 25 de novembro de 1970. Segundo Admar Thury, em seu *Abecedário do Juteiro*, editado, em 1953, pela Associação Comercial do Pará, Tuji "foi o japonês que iniciou o experimento da *aclimação* da juta na Amazônia."

Nascido em 3 de outubro de 1903, na província japonesa de Shiga-Ken, Kotaro Tuji formou-se pela Escola Superior de Comércio Federal de Kobe, em 1929. Por seus méritos acadêmicos, ganhou do governo japonês, no mesmo ano, uma viagem de estudos e observação ao Brasil, onde chegou a bordo do navio *Bingo-Maru*, chefiando 350 imigrantes japoneses. Tuji percorreu o Brasil todo, mas rendeu-se, definitivamente, aos encantos da Amazônia, "devido às peculiaridades de sua vegetação imensa e intacta".

Em 1930, Tuji regressou ao Japão, onde passou a lecionar sobre imigração e colonização na Faculdade de Comércio de Kobe. Apaixonado pelo cultivo da juta indiana (*Corchorus capsularis L.*), desde que sobre a espécie lhe falara seu professor do curso primário, Sentaro Okuda, o professor Tuji

percebeu que "o grande vale amazônico se adaptaria bem à cultura da juta indiana", cujo plantio já vinha sendo experimentado, em São Paulo, desde 1920, por Antônio da Silva Neves, embora sem grande sucesso.

Decidido a dedicar "o resto de sua vida à Amazônia", Tuji fundou em Tóquio, ainda em 1930, com seu amigo professor Tsukasa

Uyetsuka, a Escola Superior de Colonização, conhecida como *Instituto Amazônia*, com o objetivo de formar especialistas no cultivo da juta em solo tropical. Nesse mesmo ano, foi instalada, na Vila Amazônia, em Parintins, uma base física do *Instituto Amazônia*, com o escopo de promover experiências e preparar terreno para a criação de futura companhia de colonização.

Duas turmas da Escola de Colonização, com cinquenta e oitenta componentes, respectivamente, foram mandadas a Parintins, em 1931, mas logo Kotaro Tuji decidiu assu-

mir, pessoalmente, a gerência do projeto do *Instituto* no Amazonas, e, por isso, juntamente com sua primeira esposa e o irmão Kohei Tuji, embarcou no navio *Santos-Maru*, rumo ao Brasil, em 1933. Chegando à Vila Amazônia, Tuji comandou a expansão da imigração japonesa e as pesquisas experimentais para a aclimação da juta indiana na região. Sua primeira providência foi mandar à Índia, como comissionado do *Instituto*, o professor Issaku Kino, para "estudar a cultura da juta em seu próprio *habitat*", com a finalidade de aplicar os resultados desses estudos nas experimentações feitas na Vila Amazônia.



Kotaro Tuji (1903-1970)

Regressando à Amazônia, Kino iniciou o plantio de sementes de juta, trazidas de Calcutá, em 144 lotes, mas em somente dois deles – os dos agricultores Ryota Oyama, no Paraná do Ramos, e Yoshimassa Nakauchi, na Vila Amazônia, que tinham vindo com a terceira turma da Escola de Colonização de Tóquio, em 1933 –, foram observadas, já no ano seguinte, dois e três pés, respectivamente, que se sobressaíam aos demais, com características alentadoras, concretizando a pacientemente perseguida aclimação da espécie ao solo amazônico.

Ryota Oyama, primeiro no Rio Andirá e depois na Ilha do Máximo, e Nakauchi, na Vila Amazônia, continuaram, o cultivo da juta, e, mais tarde, também Toshizo Nakajima aperfeiçoou as sementeiras já existentes. Em 1940, a cultura da juta na região já era uma realidade e a produção da fibra no Amazonas atingira 1,3 toneladas.

"Não resta, pois, dúvida – como escreveu Machado Coelho – de que a cultura dessa fibra na região foi um trabalho coletivo, de equipe, no qual Oyama, como Nakajima, como Nagauchi, todos, deram o melhor de seus esforços e por isso mesmo merecem a gratidão dos amazônidas. Mas, se alguém faz jus a um lugar à parte nessa obra meritória, esse indiscutivelmente pertence a Kotaro Tuji, o pioneiro dos pioneiros, que lançou a idéia, encorajou o feito, vendo, afinal, seu sonho tornar-se realidade" (*A Província do Pará*, 16.10.66).

Ao registrar em *O Liberal*, em 25 de novembro de 1975, o quinto ano da morte de Kotaro Tuji, o jornalista João Marques assim se expressou – "Se durante algum tempo existiu alguma dúvida sobre o verdadeiro introdutor da juta na Amazônia, hoje ninguém mais discute que isso se deveu à *visão* de Kotaro Tuji, cuja contribuição ao desenvolvimento da região nunca será demais ressaltar."

Depois de dirigir, no Estado vizinho, a *Companhia Industrial Amazonense*, fundada por capitalistas japoneses com o fim de industrializar a fibra de juta amazônica, e em função da suspensão da imigração japonesa durante a II Guerra, Kotaro Tuji resolveu fixar residência, em 1946, em Santarém,

onde, com sua segunda esposa, a alenquense Leonor Garcia Tuji, e o irmão Kohei, fundou, em 1950, a empresa *L. G. Tuji & Cia.*, dedicada ao comércio em geral e à prensagem de fibra de juta exportada para o Sul do país, e ainda hoje existente e conhecida como *Companhia de Fiação e Tece-lagem de Juta de Santarém (Tecejuta)*.

Com o fim da II Guerra, Kotaro Tuji obteve o apoio dos governos japonês e brasileiro para a fixação de três mil agricultores nipônicos no médio e baixo Amazonas. Em 1953, Tuji transferiu a gerência da empresa ao irmão, em Santarém, e fixou residência definitiva em Belém, onde foi um dos fundadores, em 1955, da *Associação Pan-Amazônia Nipo-Brasileira*, da qual foi o primeiro presidente, reeleito por seis mandatos consecutivos. Dentre os vários empreendimentos da Associação Nipo-Brasileira no Pará conta-se a construção do *Hospital Amazônia*, referencial hospitalar de Belém.

Kotaro Tuji naturalizou-se brasileiro em 1951, conforme decreto assinado pelo presidente Getúlio Vargas. Ainda em vida, dentre outras honrarias, recebeu a *Medalha Marechal Rondon* da Sociedade de Geografia e História de São Paulo (1966) e os títulos de *Cidadão de Parintins* (1968), de *Cidadão de Belém* (1969) e de *Cidadão do Pará* – este, proposto pelo então deputado Jorge Arbage, mas que não chegou a receber em vida.

Na inauguração de seu busto no átrio do *Hospital Amazônia*, no primeiro aniversário de sua morte, em 25 de novembro de 1971, de entregar à família a comenda da *Ordem do Sol Nascente* – com a qual o condecorara, *post-mortem*, o Imperador Hiroito –, o Cônsul-Geral japonês no Brasil, Shintaro Tani, talvez tenha sintetizado magistralmente a vida de Kotaro Tuji, "o pioneiro dos pioneiros", como o batizou Machado Coelho. "Eu imagino – disse o Cônsul – que a alma do Sr. Tuji, em seu eterno repouso, ainda esteja atenta ao desenvolvimento da Amazônia, à qual ele foi filiado, e à elevação, cada vez mais, do nível sócio-econômico da nossa comunidade, porque isso constituía o maior interesse e preocupação do Sr. Tuji."

(*) *Publicado em O Liberal, edição de 27/11/2000.*

